

Entrevista de
Gabriela de Santana Oliveira

ENTREVISTA COM CERES COSTA FERNANDES

Ceres Costa Fernandes nasceu em Salvador (BA), durante uma curta permanência de seus pais, ambos de família maranhense, nessa cidade. A família retornou ao Maranhão, quando Ceres completava três anos. Mestre em Letras pela PUC-RJ, foi professora da TV Educativa do Maranhão e professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, onde ministrou as seguintes disciplinas: Inglês, História da Literatura, Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa. Além da atuação na docência, também desempenhou funções de gestão. Na UFMA, foi Chefe da Divisão de Estágio Curricular (1978), Pró-reitora de Graduação (1993-1996) e Assessora de Relações Internacionais (1997-1998). No Governo do Estado do Maranhão, atuou como Assessora Especial de Educação da Gerência Regional de São Luís (1998-2003), como Gestora de Programas Especiais do Governo do Estado (2003-2006) e como Diretora do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho (2009-2014). Foi membra do Conselho Estadual de Cultura do Estado, (2004-2006). Atualmente é membra do Conselho Universitário (CONSUN) da UFMA.

Ceres é ganhadora de várias medalhas e honrarias, como: Medalha do Mérito Timbira (2006), concedida pelo Governo do Estado do Maranhão; Medalha Laura Rosa (2008), concedida às mulheres educadoras que se destacaram em outros ramos do saber; Medalha Odorico Mendes (2008), da Academia Maranhense de Letras; Palmas Universitárias (2009), distinção honorífica; Medalha do 4º Centenário de São Luís (2012), da Assembleia Legislativa do Estado, por relevantes e inestimáveis serviços prestados à cidade de São Luís, no século XX e no atual; Professora Emérita da Universidade Federal do Maranhão (2020).

Cronista, contista e ensaísta, autora de várias obras, é imortal da Academia Maranhense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 39. Também é membra da Academia Ludovicense de Letras, cadeira número 34, e da Academia São-Bentuense de Artes e Letras, cadeira de número 2.

A entrevista que se segue foi concedida a Gabriela Santana¹, para a segunda edição da Revista Pergaminho.

Gabriela Santana: Você é uma baiana que mora no Maranhão e que, em função da sua atuação na Secretaria de Educação, viajou por muitos municípios maranhenses. Em algumas de suas crônicas podemos perceber as marcas desses lugares em que você já viveu e trabalhou. As nuances poéticas em torno de espaço e lugar são as mais diversas, na medida em que as ligações do homem com o espaço podem

¹ Mestre em Literatura pelo PGLetras UFMA, é membra do Grupo de Pesquisa em Lírica Contemporânea Brasileira e do Conselho Editorial da Revista Pergaminho. Atualmente, é professora do IFMA - *Campus Itapecuru Mirim*. E-mail: gabrielasantana1611@gmail.com;

ser de atração ou de repulsa. Como suas experiências com os lugares são transfiguradas por sua atividade criadora?

Ceres Costa Fernandes: Eu diria que sou uma maranhense, descendente de famílias maranhenses que nasceu por acaso na Bahia, e aos três anos já estava aqui. Dito isso, vamos lá, uma característica que me agrada na minha maneira de ser é a de me adaptar facilmente e me sentir acolhida em todos os lugares e ambientes em que vivo e já vivi. Conheço o Maranhão, não apenas em passageiras viagens de trabalho ou lazer. Tive muitos momentos de trabalho com educação e saúde escolar em cerca de 50 municípios maranhenses, ao longo de 30 anos, desde a minha experiência com o INL (Instituto Nacional do Livro), e a sua seção aqui no nosso estado; como Gestora de Programas Especiais do Governo, onde desenvolvi os projetos Aluno Modelo e o mais profícuo de todos, o Projeto Saúde na Escola que envolveu 130 municípios. Em adendo a isso, morei, acompanhando meu pai que era juiz, em quatro municípios do Maranhão: Icatu, Barra do Corda, Rosário e São Luís. As minhas memórias de infância estão impregnadas das cidades interioranas que sedimentaram o meu gosto pelas coisas simples. A vivência nesses lugares de sonho e magia, as paisagens, os costumes, as pessoas conhecidas, o sabor das comidas, estão na base da minha formação e presentes na minha escrita, indelevelmente, seja por meio da recordação ou da imaginação transfiguradora.

Gabriela Santana: Você tem usado seu perfil no Facebook² para publicar algumas crônicas. Na leitura desses textos, as ressonâncias da memória sobressaem em episódios de sua infância, juventude, e de pessoas e tempos já idos. Para os gregos antigos, a memória era a deusa *Mnemosyne*, a mãe das nove musas, cuja potência, naquela sociedade de tradição fortemente oral, era essencial, pois sua ausência impossibilitaria a narração dos grandes mitos, ou seja, os sons e as palavras simplesmente não se fixariam. Em sua opinião, qual o lugar da memória na nossa sociedade contemporânea? Gostaríamos também de saber mais sobre as manifestações da memória no seu processo de escrita.

Ceres Fernandes: Na modernidade, depois da fixação dos mitos e registro dos acontecimentos por meio da imprensa e dos recursos da mídia, a memória oral perdeu a antiga importância de registro de fatos e preservação das manifestações do imaginário coletivo. Hoje, temos a convicção de que tudo está registrado. Pensamos que sim. No entanto, há uma reminiscência da literatura oral na memória escrita de cada um, diferente do registro oficial, abrindo espaço para a imaginação e o sonho. Grande parte de meus escritos não acadêmicos são de memórias da infância. Privilegio essa época, porque é quando se tem o olhar puro, desavisado e límpido, isento de preconceitos, interesses e normas e ainda não estamos adestrados para o fingimento e a busca de amizades vantajosas. Esse olhar é propriedade única das crianças, dos

2 <https://www.facebook.com/ceres.costafernandes.7>

loucos e dos apaixonados. Isso sempre me fascinou. Procuro, mesmo nos textos nascidos da maturidade, olhar as coisas como se as desconhecesse, tentando encontrar o seu significado primordial, preservando a limpeza do olhar infantil.

Gabriela Santana: Seu livro *O narrador plural na obra de José Saramago* - que é fruto de uma pesquisa pioneira, em nosso país, sobre a obra do escritor português - já está na terceira edição. Além desse livro, você possui ainda outros de cunho acadêmico³. Fale-nos um pouco sobre esses seus dois universos de escrita: o acadêmico e o literário.

Ceres Fernandes: Comecei a escrever com o objetivo de ilustrar as minhas aulas de Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura, pensando na lide acadêmica. Daí surgiram os livros *Literatura medieval e religião*, *Surrealismo e loucura* e *O narrador plural na obra de José Saramago*, que já está na terceira edição e, além de ter sido usado em Cursos de Literatura no Maranhão, faz parte de da bibliografia básica sugerida no Curso de Letras da Universidade do Porto. Pequenos ensaios e perfis literários de teor acadêmico também foram publicados em revistas e jornais e estão enfeixados em novo livro a ser lançado breve. A minha prosa de ficção é tardia, ser ficcionista foi quase uma descoberta para mim que me sentia apenas a professora de Teoria Literária, que escreve em busca de facilitar a interpretação de textos para alunos e professores de Letras. Eu já escrevia regularmente para o jornal *O Estado do Maranhão*, aos domingos, quando arrisquei alguns textos de ficção e recebi pronta aceitação dos leitores. A partir daí, comecei a acreditar que poderia escrever ficção. Lancei *O Último pecado capital*, que contém uma parte dessa ficção e estou com um livro de contos pronto para ser editado.

Gabriela Santana: Ceres, você já declarou que sua paixão é a escrita de ficção. Pensando agora no processo de criação, de onde você diria que vem sua inspiração?

Ceres Fernandes: Eu diria que tenho em mim duas vertentes apaixonadas, a de ser mestra, de escrever sobre literatura, em ensaios, e a de escrever crônicas, que podem ser discussões do cotidiano, memorialistas e até ficcionais. A crônica é um gênero (ou espécie, como querem alguns) paraliterário ou híbrido onde tudo cabe. Por vezes, ela pode não ser literatura: uma crônica política, de informações jornalísticas ou esportivas, em princípio não é literária. Mas não podemos esquecer que Nelson Rodrigues escreveu primores literários com as suas crônicas futebolísticas. Tudo depende da palavra adotada, a palavra polissêmica, o uso de metáforas e metonímias, a musicalidade das orações, vamos da narrativa à prosa poética. Estou trabalhando bastante com o conto agora. Sobre a inspiração, vale dizer que ela nasce de tudo, uma lembrança, um cheiro, um retrato antigo, a palavra solta no ar por alguém, tudo ou nada fazem a imaginação começar a trabalhar.

³ *Apontamentos de literatura medieval - literatura e religião*. (2000) e *Surrealismo & loucura e outros ensaios* (2008).

Gabriela Santana: Então, para você, o labor do escritor, sua luta com as palavras, é um exercício dominado pela razão ou há ainda lugar para o auxílio das musas?

Ceres Fernandes: Acho que faço parte daquele grupo que se reconhece nas palavras de Fernando Pessoa, “o que em mim sente está pensando”. Não consigo divorciar minha criação literária do meu pensamento lógico, o que me leva sempre para o lado da prosa. Não tenho o privilégio de receber a inspiração completa, luto por ela. Na verdade, muitas vezes ela chega depois que sento em frente à telinha do computador ou pego do papel e da pena, com apenas uma frase ou imagem na cabeça. Aí, eu vou, parodiando Sócrates, partejando o texto até que ele saia inteiro no papel. O parto pode ser fácil ou doloroso.

Gabriela Santana: Além de professora e escritora, você também teve uma atuação importante como gestora em órgãos do Governo do Maranhão, sempre nas esferas da Cultura e da Educação. Nesse ínterim, você coordenou (2013 e 2014) a I e II Mostras Estaduais de Literatura que representaram importantes marcos para a cultura literária no estado, uma vez que promoveram não só a divulgação de obras e autores de diversos municípios maranhenses, bem como fomentou o diálogo entre as Academias de Letras desses municípios. Gostaríamos de que você comentasse a importância dessa interlocução.

Ceres Fernandes: Quando estava à frente do Centro de Criatividade Odylo Costa, filho, fui procurada por dois dos idealizadores da FALMA (Federação das Academias Maranhenses de Letras), Macatrão e Álvaro Urubatan Mello. Na ocasião, eles queixavam-se de que, apesar da existência de 14 academias afiliadas, não havia integração entre elas e sugeriam que o Odylo (o Centro) promovesse esse diálogo. Surgiu daí uma ação importante, as duas feiras literárias dos municípios a quais denominamos I e II MEL (Mostra Literária Estadual). Foi realmente um sucesso, as academias menores se reorganizaram para participar do evento, e, na segunda Mostra, vieram juntar-se a nós outras academias recém-criadas. A quantidade de autores dos municípios cresceu assim como os lançamentos de livros de seus afiliados. A FALMA fortaleceu-se; as grandes e mais antigas academias, tais como Imperatriz, Caxias, São Bento e Viana, também participaram das mostras com grande integração. Adalberto e Agostinho Noleto, de Imperatriz, deixaram, num memorável debate na I MEL, uma frase que gosto muito: “Pela primeira vez a Ilha reconheceu que há vida inteligente do outro lado do Estreito dos Mosquitos”. Depois de 2014, saí do Odylo e as Mostras findaram. Gosto de saber que fiz parte de tudo isso.

Gabriela Santana: Em sua opinião, qual é o papel das Academias de Letras? Esse papel está sendo alcançado?

Ceres Fernandes: Gostaria de excluir desse rol a AML, a academia estadual e falar do momento que está vivendo grande parte das academias municipais. As

academias municipais, que, na sua maioria, unem às letras as ciências e artes, são de grande importância para o desenvolvimento cultural do município. Elas procuram agregar as cabeças pensantes locais, objetivando o levantamento de valores em todas as áreas da cultura e do saber do município, oportunizando aos intelectuais a produção e edição de suas obras. Muitas estão empenhadas na busca dos fundadores de sua gênese cultural, focando na preservação dos valores de sua região. Destaco a academia de Itapecuru, AICLA, uma academia jovem, que já colocou a FLIM (Festa Literária de Itapecuru Mirim) como referência em eventos literários maranhenses. Participar de uma academia envolve sacrifícios e muito trabalho para seu engrandecimento. Infelizmente, sempre há pessoas que, de modo unilateral, vão buscar nas academias apenas visibilidade e glória pessoal.

Gabriela Santana: Gostaria que você comentasse em que está trabalhando agora e quais são seus projetos futuros.

Ceres Fernandes: Gabriela, você tocou em um assunto que anda me incomodando, ultimamente. Estou, como se diz, um passarinho na muda. Tenho vários projetos em andamento, como um livro de memórias, com textos já escritos, necessitando de revisão e da composição da edição; da mesma forma, trabalho em um volume de contos, também já escritos. Para mais tarde, ainda em fase de reunião, um livro de perfis e pequenos ensaios e outro de crônicas escolhidas. Ao todo, quatro livros. Os textos já se encontram escritos, necessitando de prioridade, que está sendo necessária, agora, para doenças na família. Enquanto a edição não vem, vou publicando textos no Facebook, nas revistas da AML e em algumas outras como a Revista *Sabiar*, e em coletâneas como *O Púcaro Literário*. Também tenho publicado no Caderno Literário *A Sacada*, do Jornal Pequeno, e na Revista Eletrônica da ALL, coordenada por Leopoldo Vaz, entre outros.